

# “E A CIGANA ANALFABETA, LENDO A MÃO DE PAULO FREIRE”<sup>1</sup> À LUZ DE BAKHTIN, FREIRE E VIGOTSKI

 FÁBIO MARQUES DE SOUZA DÉBORAH

 LETÍCIA FERREIRA DE SOUSA

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.260>

“*Em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas*” (BAKHTIN, 2011, p. 78). São essas vozes do Círculo de Bakhtin que nos convidam ao diálogo alteritário para pensar as palavras do poeta do sertão paraibano, Chico César, à luz de Bakhtin, Paulo Freire e Vigotski.

Para **Bakhtin**, a linguagem é um fenômeno social, e sua compreensão está sempre relacionada a um contexto histórico e cultural específico. Nesse sentido, a metáfora da cigana analfabeta que lê a mão de Paulo Freire pode ser vista como uma representação da diversidade linguística e cultural presente em nossa sociedade. A linguagem da cigana, por exemplo, pode ser vista como uma linguagem marginalizada, mas que tem sua própria força e expressividade. Além disso, a interpretação da mão de Paulo Freire pela cigana pode ser vista como uma manifestação da dialogia, já que a interpretação é um processo de troca e coconstrução de significados.

**Paulo Freire** é conhe-



cido por sua teoria da educação crítica e problematizadora, que tem como objetivo conscientizar os indivíduos sobre sua realidade social e histórica, de forma a possibilitar sua (trans)formação. Nesse sentido, a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire pode ser vista como uma crítica à noção de que o conhecimento está limitado às elites letradas. A leitura da mão de Paulo Freire pela cigana pode ser vista como uma representação da possibilidade de acesso ao conhecimento e à leitura crítica do mundo por parte de pessoas que não tiveram acesso aos meios formais de educação.



Para **Vigotski**, a aprendizagem é um processo social e cultural, e a linguagem tem um papel central nesse processo. Nesse sentido, a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire pode ser vista como uma manifestação da importância da interação social e da lin-

<sup>1</sup>Chico César, cantor paraibano, em Béradêro



guagem na construção do conhecimento. A leitura da mão de Paulo Freire pela cigana pode ser vista como um exemplo de como a interação social e a linguagem podem ser usadas como ferramentas para a construção do conhecimento e da compreensão de mundo.

Estes três pensadores, em conjunto, nos convidam a refletir a respeito dos desafios da educação atual e as possibilidades para uma educação futura. Paulo Freire nos adverte que o futuro que buscamos é construído com base no passado, por meio de nosso comprometimento e ação, de maneira que estejamos cientes de quem fomos e quem podemos ser para criar uma educação que atenda às necessidades do presente.

A ideia central da pedagogia da autonomia é que não se trata apenas de transmitir conhecimentos, mas de criar condições para que o próprio aluno possa produzir e construir seu conhecimento. Esse processo é dinâmico, multifacetado e complexo, e requer uma ampla variedade de formas e métodos de trabalho para que o aluno seja introduzido na língua viva e criativa do povo. Essa abordagem valoriza a autonomia do aluno e o incentiva a ser ativo na sua própria aprendizagem.

Ao procurar uma educação que seja crítica e transformadora e possa lidar com as complexidades do presente, não há soluções fáceis ou predefinidas. Em vez disso, o processo é caracterizado por desafios e inquietações que nos impulsionam a explorar o desconhecido em cada novo dia. Como Paulo Freire destaca, a alegria não é encontrada apenas quando alcançamos nossos objetivos, mas também é um elemento essencial do processo de busca. Ensinar e aprender devem ocorrer em meio à busca, beleza e alegria.

Ao reconhecer que a linguagem é fundamental para a construção do conhecimento,

devemos lembrar que somos seres humanos que vivem por meio das palavras. Além disso, consideramos que a vida é inerentemente dialógica e, portanto, envolve a participação ativa em conversas e discussões: perguntando, ouvindo, respondendo e concordando. De acordo com Bakhtin, o homem se envolve completamente na palavra, e ela se torna parte integrante do tecido dialógico da vida humana.

A ideia de uma educação voltada para o processo de transformação só é possível por meio da troca de ideias e da reflexão conjunta, utilizando uma abordagem teórica que se baseia na prática vivida. Segundo Freire (2014), ensinar não é simplesmente transmitir conhecimentos ou conteúdos, nem formar é apenas dar forma, estilo ou alma a um corpo inerte e conformado. Nesse contexto, é fundamental valorizar o diálogo e a prática da empatia.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



PAULISTA DE NASCIMENTO E PARAIBANO DE CORAÇÃO, **FÁBIO MARQUES DE SOUZA** TEM FORMAÇÃO NAS ÁREAS DE LETRAS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E EDUCAÇÃO. ASSIM COMO BELCHIOR, SUA MAIOR ALUNINAÇÃO É SUPORTAR O DIA A DIA E O SEU DELÍRIO É A EXPERIÊNCIA COM COISAS REAIS. [FABIOHISPANISTA@GMAIL.COM](mailto:FABIOHISPANISTA@GMAIL.COM)

FILHA DA TERRA DA BORBOREMA, **DÉBORAH LETÍCIA FERREIRA DE SOUSA** É MESTRANDA EM LINGUAGEM E ENSINO (PPGLE/UFCG), LICENCIADA EM LETRAS - ESPANHOL (UEPB), ESTUDANTE DA ESPECIALIZAÇÃO O CÍRCULO DE BAKHTIN EM DIÁLOGO: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE (FAUSP) E MEMBRO DO CÍRCULO DE BAKHTIN EM DIÁLOGO - DGP/CNPQ. [DLFSOUSA4@GMAIL.COM](mailto:DLFSOUSA4@GMAIL.COM)

